

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

— O estrangeiro definitivo

Gumerinda Gonda

“... estranhos a mim, os eus que em mim se embatem.”
Casais Monteiro

“Espera um pouco, em breve / também descansarás.”
Goethe

Abro ao acaso um livro de Jorge de Sena, poeta, contista, ensaísta português. Ali se evoca a imagem do amigo que falecera há pouco, Adolfo Casais Monteiro, também poeta e ensaísta que se refugiara no Brasil, assim como Sena, durante a repressão salazarista. Sena lecionará por dois anos na Faculdade de Assis, em São Paulo, e Casais, será catedrático de Teoria da Literatura em Araraquara.

Antes de se fixar em São Paulo, Casais trabalhou na Universidade da Bahia. Em Salvador, iria conhecer Rachel Moacyr, sua companheira. Mais tarde viria para o Rio de Janeiro, onde viveria com dificuldades, sem trabalho regular.

Discreto e recatado, delicado e áspero, tinha Casais uma arte de não se entregar nunca, de que provavelmente sofria muitíssimo... De uma independência feroz, e dotado de uma tremenda força de caráter, ninguém conseguia, a não ser com lento trabalho de que, a qualquer momento o fracasso podia surgir, acomodá-lo a nada ou coisa alguma. Todavia, os últimos anos haviam-no amaciado muito. Com toda a fidelidade a si mesmo que sempre manteve inalterável, o Casais do Brasil era infinitamente mais doce e amável do que havia sido o Casais de Portugal.¹

Prossegue Sena: “Em tom de graça, Rachel Moacyr costumava apontar para ele e perguntar-nos, a minha mulher e a mim, se não achávamos que o Brasil amaciara muito o seu ‘portuga’... o que era verdade.”²

O período autoritário, posterior a 1964, provocaria um novo exílio.

Jorge de Sena parte para os Estados Unidos onde lecionará na Universidade de Wiscosin. Em 1968, consegue uma bolsa para Europa. Chama o amigo para substituí-lo como professor visitante.

*Era já um homem muito doente que, em Madison, levei ao médico que lhe diagnosticou o enfisema que havia de matá-lo; e que ouvi recusar ao médico, que o mandava deixar de fumar, o submeter-se a tal ordem.*³

Coerente com a sua arte e o seu gesto, Casais retornaria ao Brasil e à Araraquara. Afinal, para ele “o artista é o homem que desobedece.”

Provavelmente, “a arte de não se entregar nunca” encobriria uma sensibilidade “bastante amachucada”, que em carta endereçada ao poeta Manuel Bandeira finalmente confessaria:

*Faz hoje um mês que a Rachel morreu... A amargura que notou na minha carta já era decerto um reflexo prévio da solidão. (...) Eu, que sou um fraco em remédio, sentia-me totalmente desorientado e desanimado... E agora aqui estou fazendo aquela experiência que é de toda a sua vida, meu querido Manuel, mas eu não tenho a sua coragem, e não achei ainda sentido à vida que me ficou.*⁴

Adolfo Vítor Casais Monteiro esteve ligado ao Movimento da Presença. Sabemos que o esteticismo que marcou esta publicação o isolaria das inquietações sociais de sua época. No entanto, Casais Monteiro alteraria o ângulo de observação presença, através de uma sensibilidade que o tornaria contemporâneo das tensões deste momento. Tanto que irá defini-lo como uma “época de angústia.” Traduzindo em poucas palavras, a extrema complexidade da época, diríamos que brados fascistas: “Morra a inteligência”, “Viva a Morte, abaixo a vida” parecem sintetizar o período. Um breve exame do contexto histórico atesta a preocupação de Monteiro: — o triunfo do fascismo; do nazismo; a consolidação do Estado Novo português ao ser promulgada a Constituição de 1936; a Guerra Civil Espanhola e o assassinato de Lorca; as depurações estalinistas; a criação do eixo Roma-Berlim-Tóquio; a Segunda Guerra Mundial; os campos de concentração nazistas; a bomba de Hiroxima sacudiriam o planeta devolvendo-lhe a face oculta da barbárie. A pergunta formulada por Adorno: “Como fazer poesia depois de Auswitz?” mergulhava o mundo num profundo silêncio.

Frente a tais experiências definitivas, surge uma geração marcada pela angústia existencial, cuja possibilidade de mediação apoiava-se em um projeto de íntima solidariedade e fraternidade entre os homens. Sigamos o poema de Adolfo Casais Monteiro: *A Estrela da Noite*.

*As palavras brilham apesar de tudo na noite do mundo
quaisquer palavras? não nem as perfumadas nem as vazias
digo as palavras em que a voz ficou vibrando como um aceno
as palavras feitas para trocar entre os homens o segredo da absolvição
as palavras que levam o mundo consigo
segredadas aos ouvidos ou refervendo nos alto-falantes da voz pública
compactas e carregadas de relâmpagos
fulgurantes de sede de interrogação de confiança de impossível ou nada
nada senão o breve sinal lucilante por entre o nevoeiro
um apelo entre séculos e entre precipícios
sinal mágico e comum
vento e árvores e pedras voz das coisas perdidas em busca dos homens
voz que vem vindo e vão passando nomes
que dizem tudo e não falam de nada
manhãs claras em que os sonhos acordam realidade
sempre
no fundo no cimo do âmago nas derradeiras extremidades
as palavras brilham apesar de tudo no silêncio do mundo.⁵*

O primeiro verso revela o triunfo da arte frente à noite do mundo, a noite agônica do fascismo. Possível, na mediação entre o interior e o exterior, a postura contemplativa, como se pode imaginar, terá de ceder lugar tão logo uma dessas possibilidades se acentue e desenvolva. Daí a recusa das “palavras perfumadas e vazias”, e a opção pelas palavras necessárias, clandestinas “feitas para trocar entre os homens o segredo da absolvição”, opondo-se às do poder, oficiais; “refervendo nos alto-falantes da voz pública.” As palavras que resistem, que buscam, que perseguem “manhãs claras em que os sonhos acordam realidade.” Com sua força “brilham apesar de tudo no silêncio do mundo.” É pelo silêncio mais do que pelo que explícita, que Adolfo Casais Monteiro mantém entre nós a esperança da harmonia do mundo.

A observação de Adorno sobre um poema de Goethe também se aplica a Adolfo. Diz ele da Canção Noturna do viajante: “lá igualmente há um gesto de consolo; a beleza insondável do que permanece calado, da representação de um mundo que recusa conceder a paz. É somente porque o tom do poema implica em sentimento de tristeza profunda que se estabelece que a paz pode existir apesar de tudo.”⁶

O compromisso com o real dá à poesia de Adolfo um conteúdo humanista:

*Não te ofereço poemas de vitória:
os meus versos só falam do que existe.
Não cantarei a esperança
Só a força que contra tudo subsiste.*

*Não teço os meus poemas de futuro:
Corto-os nesta carne de quem somos.
Se vives de sonhar
Eu vivo de viver — e é mais duro!*⁷

Este compromisso com a realidade não abre espaço para nenhuma situação conciliatória que lhe atenua o rigor da trajetória. Dotado de uma profunda inquietação intelectual, Casais ratifica como ensaísta o que tematiza em seus poemas.

Como observa Fernando Guimarães, “Adolfo Casais Monteiro que ao lado de Albano Nogueira, é um dos presencistas que se mostra mais aberto a uma superação de certas soluções de tipo esteticista ou demasiado individualista — procura mostrar num artigo na *Seara Nova* (nº 512 - 3 vol. 1937) que a luta declarada pela nova crítica à arte pura, afinal não existe: “Nós vivemos numa época que tende a exigir do artista de um modo geral, daqueles a quem é costume designar como intelectuais, mais do que arte; pede-se-lhe resposta a inquietações sociais.”⁸

Casais sempre conciliou o imperativo do compromisso social ao imperativo do compromisso estético. Foi essa coerência que o fez reivindicar para os seus poemas “a qualidade de serem versos.”

Comprometida com a aventura da modernidade, se a entendermos como a busca que procura extrair o eterno do transitório, a obra de Casais Monteiro será marcada pela desestruturação das formas expressivas, frente a desagregação do mundo e das coisas do mundo. Marcado por uma realidade tão dura quanto ágil, o poeta encontra-se de novo, mágico ou artista, retomando o estilhaçado jogo de armar, cujo resultado final pode lhe apontar mais uma vez, para a essência, para a unidade...

*No labirinto do cérebro
procuro caçar imagens
para as juntar num poema
mas elas doidas de força
não querem perder a vida
na perda da liberdade
... e assim o meu poema
ficou perdido aos bocados
aos quatro cantos da alma.*⁹

A perplexidade diante da sua condição humana, irá conduzi-lo a um exílio sem remédio, localizado dentro de si mesmo. A ausência do ser no próprio ser, e deste na vida. O poema não passa, portanto, de uma última e desesperada tentativa de preenchimento de um espaço. Frente ao enigma da vida, “sempre e sem fim a vida” se encaminhará ao espaço das formas, onde todos os possíveis se eternizam:

*Há dentro de mim um vazio que cresce,
como o crepúsculo comendo pouco a pouco a terra.
Não sei o que desmorona cada vez mais depressa dentro de mim.
Não sei que ondas vão e vêm varrendo este mundo que foi,
alargando cada vez mais o espaço interior para outra coisa,
que não é nada aquela plenitude sonhada dentro de mim.
Dentro de mim...
Dentro de mim...
Este estribilho canta qualquer outra praia...¹⁰*

Por entre ruínas, surge a figura paradigmática da melancolia. É do território das palavras que se ergue o canto feito de aço e luz, resistindo à ação implacável do tempo trabalhando sempre em sentido oposto à dos homens.

Estrangeiro definitivo, onde quer que se encontre, vislumbra o refúgio onde irá ancorar as suas esperanças. Que pode estar num poema, num único verso, na delicadeza extrema dos signos. Verdadeiro lugar e coração da existência... onde “as palavras brilham apesar de tudo na noite do mundo.”

Notas:

1. SENA, Jorge de. *Régio, Casais a Presença e outros afins*. Porto Brasília Editora, 1977. pp. 186/187.
2. Idem. p. 187.
3. Ibidem. p. 186.
4. *Jornal de Letras Artes e Idéias*. Ano XVII, n° 699, Lisboa. p. 29. “Cartas de Casais Monteiro para (e de) Manuel Bandeira” por Beatriz Berrini.
5. MONTEIRO, Adolfo Casais. *Poesias Completas*. Col. Poetas Hoje. Portugalíia. Lisboa, 1969.
6. A referência diz respeito ao ensaio “Discours sur la poésie lyrique et la société”, in *Notes sur la littérature de Theodor Adorno*. Trad. de Sibylle Muller. Paris, Flammarion, 1984. p. 49. O verso em questão se encontra como epigrafe do nosso trabalho. “Espera um pouco, em breve / também descançarás.” No título do poema e no verso, utilizamos a tradução de Eugênio de Castro, no restante do texto a versão é nossa.
7. MONTEIRO, Adolfo Casais. op. cit. p. 195.
8. GUIMARÃES, Fernando. *A poesia da Presença e o aparecimento do Neo-Realismo*. Porto Brasília Editora, 1981. p. 82.
9. MONTEIRO, Adolfo Casais. op. cit. p. 131.
10. Idem. p. 232.